

WIA/H1000/Cml5.1 /  
13/58

CATALOGUE OF A COLLECTION  
OF EARLY PORTUGUESE BOOKS

1489-1600

IN THE LIBRARY OF HIS MAJESTY  
THE KING OF PORTUGAL

DESCRIBED WITH FULL COLLATIONS  
HISTORICAL, BIOGRAPHICAL & LITERARY NOTES

BY

H.M. KING MANUEL

IN III VOLUMES

PROSPECTUS

LONDON · MAGGS BROS

1928







CATALOGUE OF A COLLECTION  
OF EARLY PORTUGUESE BOOKS  
1489-1600

[THIS WORK CONSISTS

of Three Volumes of approximately 650 pages each  
of the size and extent of the present dummy. The  
edition is limited to subscribers only and will be  
sold at £16. 16s. the set

N·B

In addition there is an *édition de luxe* of 45 copies for  
sale printed upon Van Gelder paper numbered and  
signed by H.M. the King of Portugal at £35 the set.  
This edition is already subscribed]



CATALOGUE OF A COLLECTION  
OF EARLY PORTUGUESE BOOKS  
1489-1600

CATALOGO DA COLLECÇÃO  
DE LIVROS ANTIGOS  
PORTUGUEZES

1489-1600

QUE SE ENCONTRAM NA BIBLIOTHECA  
DE SUA MAJESTADE FIDELISSIMA

COM UMA DESCRIÇÃO COMPLETA DE CADA  
OBRA E NOTAS HISTORICAS, LITTERARIAS,  
BIBLIOGRAPHICAS & BIOGRAPHICAS

POR

S.M. EL-REI D. MANUEL

LONDON · MAGGS BROS

1928

## ORDER FORM

To .....

.....

Please send me ..... cop..... of the limited edition of THE CATALOGUE OF A COLLECTION OF EARLY PORTUGUESE BOOKS IN THE LIBRARY OF H.M. KING MANUEL OF PORTUGAL, Price £16 16s. net. Note. After the publication of Volume I the price of the set will be raised to £21 net for new subscribers.

The Special Edition signed by H.M. King Manuel of Portugal, Price £35 net, is already fully subscribed.

Name .....

Address .....

Date .....

MAGGS BROS.

LONDON: 34 & 35 Conduit Street, W.1

PARIS: 130 Boulevard Haussmann (8<sup>e</sup>)

## BOLETIM d'ASSIGNATURA

A.....

Queira enviar-me..... um exemplar da Edição de tiragem limitada do CATALOGO da COLLECÇÃO de LIVROS ANTIGOS PORTUGUEZES que se encontram na BIBLIOTHECA DE S. M. EL-REI D. MANUEL, Preço £16 16s. Depois da publicação do primeiro volume o preço da obra (tres volumes) será para novos subscriptores de £21.

A Edição Especial, numerada e assignada por Sua Majestade, Preço £35, ja se encontra inteiramente vendida.

Nome .....

Endereço .....

.....19

MAGGS BROS.

LONDON: 34 & 35 Conduit Street, W.1

PARIS: 130 Boulevard Haussmann (8<sup>e</sup>)

CATALOGUE OF A COLLECTION  
OF EARLY PORTUGUESE BOOKS

1489-1600

IN THE LIBRARY OF HIS MAJESTY  
THE KING OF PORTUGAL

DESCRIBED WITH FULL COLLATIONS  
HISTORICAL, BIOGRAPHICAL & LITERARY NOTES

BY

H.M. KING MANUEL

IN III VOLUMES

LONDON · MAGGS BROS

1928



## NOTE

In this work H.M. the King of Portugal describes his magnificent collection of books, printed in Portugal, with full collations, to which he has added historical, literary, biographical, and bibliographical notes on a very liberal scale in English and Portuguese. The work will contain upwards of eight hundred facsimile reproductions of title-pages, text-pages, with woodcut illustrations and colophons, many printed in red and black, and several colour collotypes by Messrs Emery Walker Ltd.

These volumes will give for the first time a complete survey of Portuguese book decoration, wood engraving and typography in the sixteenth century, and will inevitably prove to be an indispensable bibliography for every Library, while, at the same time, owing to the richness of the illustrative material reproduced, they will necessarily find a place in every Museum of Fine Arts, and in every Print Department.

The collection described in this magnificent work comprises fine specimens of all the more interesting books printed in Portugal, and many important Portuguese books printed outside that country during the sixteenth century.

All the principal printers of Portugal of the sixteenth century are well represented in addition to some characteristic examples of fifteenth-century work. The period in which the books fall is 1489—1600 inclusive. The collection is rich in unique items which are fully described for the first time. The descriptions are ample and full of information both historical and literary; the collations are full, and indices (of printers, towns, authors, and titles) will be added.

The illustrations include certain illuminated manuscripts, and Royal autograph letters from the fifteenth century downwards, all from the owner's collection, have been included, and reproductions given; and in a preface His Majesty will explain his reasons for writing and publishing the work.

## N O T A

Com uma descripção completa de cada obra, acompanhada de notas historicas, litterarias, bibliographicas, e biographicas em Portuguez e em Inglez, redigidas por Sua Magestade El-Rei D. Manuel e profusamente illustrado com mais de oitocentas reproducções em fac-simile, das folhas de rosto, gravuras e colophons de cada livro, impressas a preto e a vermelho, sendo algumas das chapas impressas a côres por Emery Walker Ltd.

Esta obra terá um prefacio no qual Sua Magestade explicará as razões e os motivos que o levam a escrever e publicar este livro.

A collecção descripta n'esta bella Obra consiste em um grande numero dos livros mais importantes, assim como em alguns dos mais raros, impressos em Portugal no seculo XVI, encontrando-se representados n'esta publicação os principaes impressores de Portugal. Egualmente contém alguns dos mais notaveis livros Portuguezes impressos fôra de Portugal no mesmo seculo, além de alguns exemplos característicos da Imprensa em Portugal no seculo XV, abrangendo este Catalogo os annos de 1489 a 1600 inclusivê.

N'esta collecção encontram-se diversos exemplares unicos e obras desconhecidas cuja descripção e reproducção será feita pela primeira vez. Serão tambem reproduzidos alguns manuscriptos com illuminuras e cartas autographas de Soberanos do seculo XV até ao fim do seculo XVI. Esta obra terá como objectivo tornar conhecidos os livros Portuguezes, a sua história, a sua typographia, as suas gravuras no seculo XVI; e a sua belleza, o seu interesse e o seu valor serão demonstrados pelas innumeras reproducções, incertas no texto. D'esta forma virá a ser uma bibliographia indispensavel para as Bibliothecas, e poderá egualmente ter o seu logar nos Museus de Bellas Artes.

Consistirá esta obra de tres volumes, approximadamente de 650 paginas cada um, publicando-se uma edição limitada, unicamente para subscriptores, cujo custo será de £16. 16s., cada exemplar.

Quarenta e cinco exemplares serão impressos em papel especial, assignados e numerados por El-Rei D. Manuel, sendo o preço de cada exemplar £35. Esta edição especial já se encontra inteiramente vendida.

SPECIMEN PAGES AND ILLUSTRATIONS  
FROM THE CATALOGUE

## Ho Preste Joam das indias.



**Verdadera informaçam das terras do Preste**  
Joam, segundo vïo e escreueo ho padre **Francisco Aluarez** capellã del Rey nosso  
senhor. **Agora nouamête impresso** por mandado do dito senhor em casa de **Luis**  
**Rodriguez** liureiro de sua alteza.

JOÃO DE BARROS. *CHRONICA DO EMPERADOR CLARIMUNDO*. 1555.

A Primeyra parte da Croni- | ca do Emperador Clarimundo, donde os Reys de | Portugal descendem. | *Com priuilegio Real.*

Titulo a negro e vermelho. Por cima, gravura que representa o imperador Clarimundo de pé, junto ao throno, sobre o qual descança a arvore genealogica dos Reis de Portugal.<sup>1</sup>

[fl. 2] Tauoada. [...]

[fl. 4 vo.] Prologo feyto depois desta obra | impressa: Ao muy alto & poderoso Rey dō Ioam terceyro | deste nome. Per Ioam de Barros seu criado. [...]

[fl. 5] Prologo sobre a traf | ladaçam da primeyra parte da Cronica do Em- | perador Clari- mundo, donde os Reys de Portugal | descendem. Deregido ao esclarecido Principe dom | Ioam, filho do muy poderoso Rey dom Manuel | primeyro deste nome. Per Ioã de Barros seu criado. [...]

Pagina enquad. por uma portada, com as Armas do Reino na parte superior.<sup>2</sup>

[fl. 6 vo.] [...] CONCORDANCIA QVE HO TRASLADADOR | faz antre dous Coronistas sobre a vinda de dom Anrrique nestes | Reynos Despanha, & sobre a sua genealogia. [...]

fl. 1. Começa a primeyra parte da cro | nica do emperador Clarimũdo dõde os Reys de Portugal descendem, tirada | de lingoagem vngara em a nossa portuguesa. [...] Capitulo primeyro. [...]

fl. lvj vo. Começa ho segundo libro da pri- | meyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo, no qual se contem ho | principio de seus verdadeyros amores, & muytas outras coufas que por elles | em armas fez. | Capitulo .xxxv. [...]

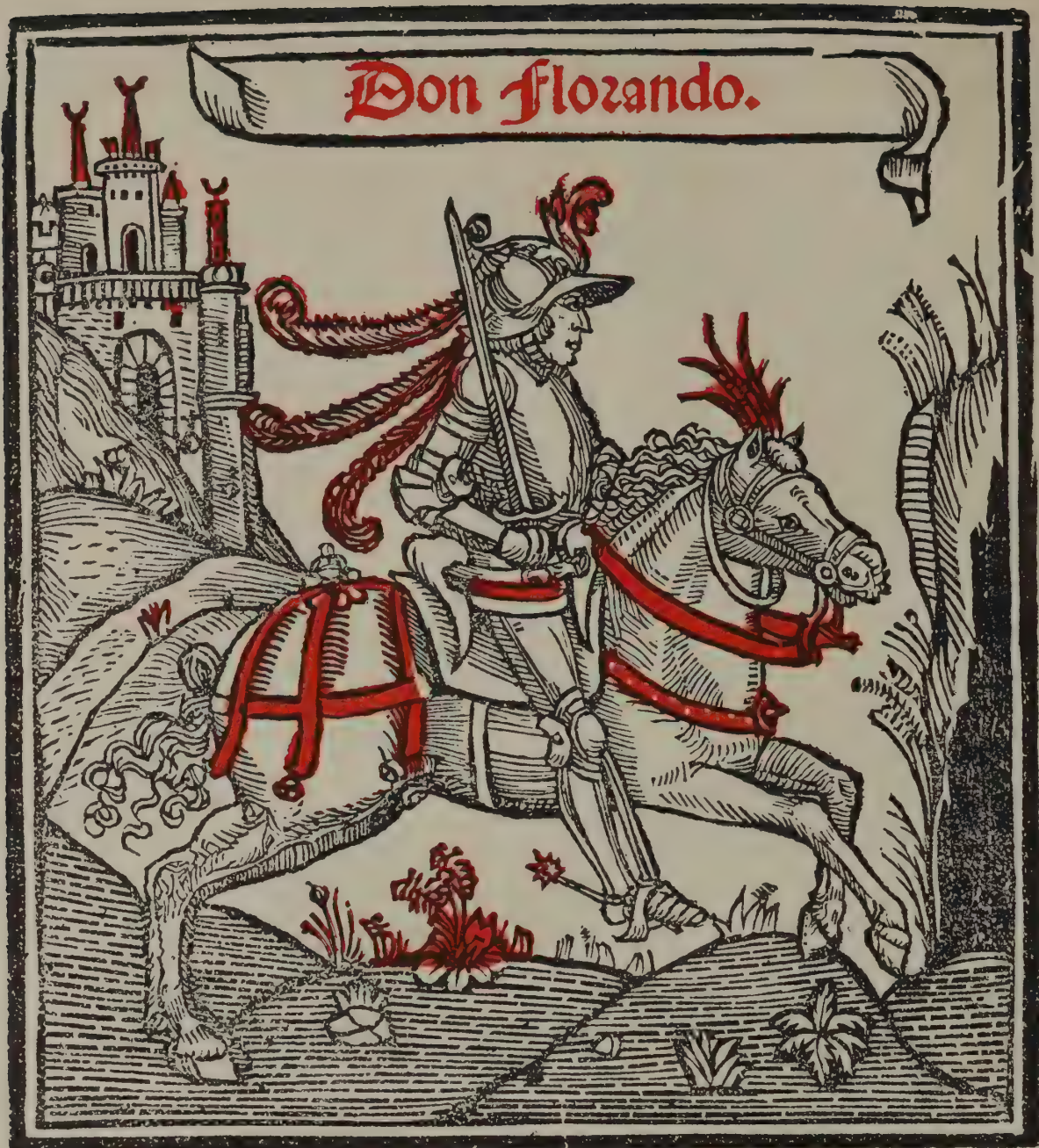
fl. cxxxiiij vo. [...] Começa ho terceyro libro da pri- | meyra parte da cronica do emperador Clarimundo, em que se contam grandes | coufas que ho sabio Fanimor pro- fetizou dos Reys de Portugal que delle ham de | descender. E das traições que Tobem de Uiapa fez, as quaes forã causa de muy- | tas amizades z lianças. | Capitu. lxxix. [...]

fl. clxxxii. [...] Laus Deo.

fl. clxxxii vo. Acabase a primeyra parte da cronica | do Emperador Clarimũdo donde os reys de Portugal deçem, tirada de | lingoagem Ungara em a nossa Portuguesa per Ioam de barros, z impres- | fa per Ioam da Barreyra impressor da vniuersidade de

<sup>1</sup> Title printed in red and black. Above, a large woodcut representing the Emperor Clarimundo, standing before the throne, on which rests the genealogical tree of the Kings of Portugal.

<sup>2</sup> Page surrounded by an architectural woodcut border, with the Arms of Portugal at the top.



**C**omiença la coronica del valiente y es-  
forçado prícipe dō Florado d' Inglatierra  
hijo d'l noble y esforçado prícipe Paladiano  
en q se cuentá las grâdes y maravillosas auē-  
turas q dio fin por amores d'la hermosa prí-  
cesa Roselinda hija del empador de Roma.

Coimbra, com pri | uilegio real que ninguem a possa emprimir nem trazer fora do reyno | tirada em outra lingoagem so pena de perder os liuros. | A qual | fe emprimio nesta nobre z sempre leal cidade de Coim | bra. A cinco dias do mes de Iulho da era de Mil z quinhentos z LU. | annos.

folio — [6], clxxxii folhas a 2 coln.—42 l.—car. got.,—sem reclames.

Encadernado em marroquim vermelho, lombada ornada, pastas com dobraduras de marroquim azul ricamente ornadas, aparo dourado.

folio — [6], clxxxii leaves, double columns,—42 lines—Gothic letter,—no catchwords.

Bound in red morocco, gilt back, doublures of blue morocco richly tooled and gilt, g.e.

A *Chronica do Imperador Clarimundo* foi impressa em 1522 por Germão Galhardo. Referem-se a essa 1ª edição, Brunet, Salva e Gallardo donde Anselmo e Proença, no. 567 extrahiram a noticia publicada na sua obra *Bibliographia das obras impressas em Portugal no seculo XVI*. Confusões sem numero teem sido feitas á cerca das edições da *Chronica do Imperador Clarimundo*: Barbosa na *Bibliotheca Lusitana* em 1747, descreve a primeira edição, mas com o nome do impressor e a data erradas, pois diz ter sido impressa em 1520 por João de Barreira. Innocencio (Diccionario, vol. 3, p. 319) duvida da informação de Barbosa, e com razão, á cerca da edição de 1520. Outros bibliophilos ignoram essa primeira edição da qual, hoje se não conhece um só exemplar. A respeito da segunda edição, as confusões teem sido identicas, começando egualmente em Barbosa, que attribue a data de 1553 a essa edição, informação que foi copiada ou seguida por Innocencio, Pinheiro Chagas e Mattos; este ultimo menciona mesmo uma edição de 1550 a que nenhum outro auctor faz referencia. Ao apresentar um admiravel exemplar da edição de 1555 impressa por João de Barreira, desfazem se todas as duvidas, se é que ellas ainda existem, visto Anselmo e Proença, na sua obra, no. 138 darem a data exacta, na sua noticia transcripta do no. 546 de Gallardo. “Impressa per Ioam da Barreyra....A cinco dias do mes de Iulho da era de Mil z quinhentos z LU annos.” Suppõem e com razão os auctores,

The *Chronica do Imperador Clarimundo* was first printed in 1522 by Germão Galharde. This edition is mentioned by Brunet, Salva and by Gallardo, from whom Proença and Anselmo (No. 567) copied the description of the book given in their work *Bibliographia das obras impressas em Portugal no seculo XVI*. Innumerable mistakes have been made about the editions of this Chronicle: Barbosa describes the first edition in the *Bibliotheca Lusitana* (1747), but gives the date and the printer wrongly, saying that the book was printed in 1520 by João de Barreira. Innocencio (Diccionario, vol. 3, p. 319), with good reason, doubts the authenticity of Barbosa's information, while other bibliophiles simply ignore the first edition, of which not one copy is known to-day. The second edition has given rise to similar confusion, again originated by Barbosa, who gives its date as 1553, and is copied by Innocencio, Pinheiro Chagas and Mattos; the last mentioned goes even farther, citing a 1550 edition, which is ignored by all other authors. In view of this admirable copy of the 1555 edition, printed by João de Barreira, all doubts must vanish—if, indeed, any still exist, for Proença and Anselmo (No. 138) give the date correctly in their description, copied from Gallardo (No. 546): “Printed by Joam da Barreyra...on the fifth day of the month of July in the year one thousand, five hundred and LU.” These bibliographers rightly deem this to be the same edition as the one to which

ser esta a edição a que Barbosa, Innocencio e Mattos attribuíram a data de 1553. Esse engano parece nos dever ter sido causado pela forma como está escripta a data no Colophon, sendo de mais a mais provavel que nenhum dos bibliophilos já mencionados tenha consultado um exemplar d'esta citada edição; como poderá ser examinada na reprodução facsimile do Colophon, a data é indubitavelmente, 1555, pois o "5" é a mesma letra "U" com que é escripta a palavra "Ungara."

"A Prymeira parte da cronica do Emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem," é uma historia fabulosa, um romance de Cavallaria, e que, para a tornar ainda mais phantastica, João de Barros escreveu como sendo "tirada de lynguagem Ungara em a nossa Portugueza." No "Prologo feyto depois desta obra impressa" dirigido a D. João III, da sua Chronica, conta nos Barros, assim como no "Prologo sobre a trasladaçam..." detalhes curiosos sobre a forma como trabalhou, mostrando ao mesmo tempo a sua phantasia.

"...E elle (amor) me fez dispor os dias passados pera seruir vossa Alteza na trasladaçam desta Cronica. E sabendo isto de mym vsastes tam liberalmente comigo, dandome a isso fauor que em espaço doyto mefes acabey de a trasladar. Da qual a vossa Real casa leua a mayor gloria: porque ella foy ho claro estudo em que toda minha vida empreguey. E per cima das arcas da vossa guardaroupa, publicamente como muytos fabem, sem outro repouso, sem mais recolhimento onde o juyzo quieto podesse escolher as coufas q̃ a fantasia lhe representaua: fiz o que meu amor, & vosso fauor ordenaram. E como colhi este fruyto, mais temporan do que diuera mandeyo empremir. No qual tẽpo per vôtade da fũma potencia recebestes o Real cetro dino de vos, & vos muyto mais delle. E este cuydado de gouernar, reger, prouer, todas as particularidades de vossos pouos & Reynos, me fizeram estimar

Barbosa, Innocencio and Mattos attribute the date of 1553. The misconception must have been caused by the way in which the date is written in the colophon, it being more than probable that none of the three last-mentioned bibliophiles had an opportunity of examining the edition for himself. As may be seen in the facsimile of the colophon, the date is indubitably 1555, for the "5" is the same letter "U" as occurs in the word "Ungara."

"The first part of the chronicle of the Emperor Clarimundo, from whom the Kings of Portugal are descended" is a fabulous history, a romance of chivalry, rendered even more fantastic by the fact that João de Barros pretended it was "translated from the Hungarian language into our own Portuguese." In the prologue of his chronicle "written after the book was printed," as in the "prologue on the translation," Barros recounts curious details about the way in which he worked, sometimes speaking in good sooth, and sometimes giving full rein to his very fertile imagination.

"...And that (devotion) made me resolve, in the days gone by, to serve Your Highness by translating this Chronicle. And when I told you this, you treated me so liberally, favouring my project, that I finished the translation in the space of eight months; but your Royal house must take most of the glory of it, for your glory has ever been the chief consideration of my life. And on top of the chests of your wardrobe, as is publicly known to many, with no greater comfort, with no more retired refuge, where calm judgement might make his choice from the images evoked by fancy: I did what my devotion and your favour ordained. And as I plucked this fruit, earlier than I should have done, and sent the work to be printed, in that time, by the will of the All-powerful you received the Royal sceptre, which is worthy of you as you are even more worthy of it. And the cares of government, of ruling over, and providing for your people and your kingdom in all matters, [which

em muyto o que tinha começado. Porque quando lho deregi no feguinte prologo, as menos occupações que entam tinha, lhe faziam tomar algũa pena êmendar meus erros. Mas agora, na fegunda mão que he a mais trabalhosa: conhecêdo a fraqueza de meu estílo, & a grãdeza de voffo Real estado, fizerãme duuidar o que faria: se perder ho gafo que tinha feyto na empreffam, entregãdo ho meu trabalho ao fogo, ou fãir a luz coelle. E nestas duuidas fobreueo ho temor de fazer tal defacatamento às coufas onde voffa Alteza possêra os olhos....”

E’ sem duvida interessante a parte do “Prologo depois d’esta obra impreffa.” Devemos pensar que João de Barros tinha pouco mais de 20 annos quando escreveu a sua *Chronica* e que é curiosa a forma como a escreveu em oito mezes “por cima das arcas da voffa guardaroupa.” Um outro trecho, parece confirmar uma tradição: diz Barros: “Porque quando lho deregi no feguinte prologo, as menos occupações que entam tinha, lhe faziam tomar algũa pena êmendar meus erros”: essa tradição é que D. João III collaborou com Barros: Aubrey Bell na sua *Portuguese Literature* n’uma nota pag. 233, escreve “...tradition that King João III as Infante had been joint-author of *Clarimundo*.” A phrase de Barros permite sem duvida essa tradição; a saudosa D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos no seu livro monumental *Poesias de Sá de Miranda*, pag. 781, diz: “...outros (escriptores) recordam o afan com que copiava (D. João III) o *Clarimundo* do seu amigo João de Barros.” “Emendar meus erros,” seria apenas corrigir essas faltas, ou seria collaboração como auctor? Difficil, para não dizer impossivel, de decidir.

No “Prologo fobre a trafladaçam” abre as azas da phantasia escrevendo:

“...Porq̃ antre algũs Alemães, & estrãgeyros q̃ cõ a Raynha noffa senhora a estes reynos de Portugal vierã, foy Carlim delamor....E como as suas me cõtentaũ, trabalhey por alcançar delle sua cõuerfãça & amizade....E em quãto nestes reynos esteue antre muytas coufas de passatêpo q̃ neste tin-

now took up your time], caused me to value highly what I had begun; because, when I dedicated it to you in the following prologue, you were not so much preoccupied and were able to spend some time in emending my errors. But now in the work of revision, which is always the hardest, knowing the weakness of my style and the greatness of your Royal state, I began to doubt what to do, whether to publish my work, or to lose the money I have spent on the printing and consign it to the flames; but the fear of treating with such disrespect a work upon which Your Highness had looked, overcame my hesitation.”

This part of the “prologue written after the work was printed” is certainly interesting. We must remember, too, that João de Barros was little more than twenty years of age when he composed this chronicle, which was written “on top of the chests in your wardrobe,” and took him only eight months to finish. Our author when he writes: “Because, when I dedicated it to you in the following prologue, you were not so much preoccupied and were able to spend some time in emending my errors,” would seem to confirm the tradition, mentioned by Aubrey F. G. Bell in his *Portuguese Literature*, “that King John III as Infante had been joint author of *Clarimundo*.” D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos in her monumental work *Poesias de Sá de Miranda*, p. 281, says: “...other writers record the enthusiasm with which he (King John III) copied the *Clarimundo* of his friend João de Barros.” But does “emending my errors” imply collaboration, or merely the correction of a few mistakes? It is difficult, not to say impossible, to decide.

In the “prologue on the translation,” Barros gives free play to his imagination and writes:

“Because Carlim delamor was among the Germans and foreigners who came to these dominions of Portugal with our lady the Queen.... And as he pleased me, I did my best to make him converse with me and give me his friendship.... And while he was in this kingdom one of



**C** Marco tulio cicerom de Amicicia  
paradoras 7 sonbo de Scipião. tira  
do em lingoagē portuguesa p Quar  
te de R esêde caualeyro fidalguo da  
cassa del rey nosso senboz.

**E** Lelio ou amicicia de marco tu-  
lio cicerõ enderçado a ppono-  
nio attico. Interlocutores. f. Lelio  
fannio. Sccuolla. Começa em mo-  
do de afugento. .



**Q**uinto mucio Sccuola Sa-  
yo lelio seu sogro muytas  
couias soyamuyto acordado  
7 fer mosamete cõtar. 7 em tu-  
do o q delle contauiam du-  
uidaua chamar he sapiente.  
7 eu passados. xiii. años des-  
que tomei a togua viril. assi  
fuy a elle per meu padze cõregue que nũca do seu  
lado: quando licitame te podia fazer me pariar:  
assi que muytas cousas delle cõ prudencia dispu-  
tadas. 7 outras breue 7 proueytosamente ditas a  
memoria encoimõdey: por que trabalhaua cõ sua  
prudencia me fazer mayz prudente. 7 morto este  
Quinto mucio passey me ao outro Sccuola pon-  
tifice: ao qual oufary chamar hũ dos milhozes  
de nossa Cidade per seu engenho 7 justiça. mas  
de aqueste em outra parte direy. Agora tomo a  
fallar do outro Sccuola de que acima disse. este co-  
mo muytas vzes muytas cousas cõtãua alẽbra-  
me a mi que estãdo elle em hũ pojal asentado:  
[ como soya ] E estãdo eu a bi 7 algũs poucos  
familiares outros: veo ter em hũ pratica que em  
tão pella mayor parte adãua em a boca de todos  
[ 7 segũdo creio ] a ti pponio attico alembrara  
muy bẽ: por que vstãuas muyto da amizade de Pu-  
blio sulpicio. que sãdo elle tribuno do pouo te-  
ue grande diffençãõ 7 capital odio a quinto pō  
b

hamos, era cõtar elle as grãdezas dos emperadores Dalemanha & Cõstantinopla, cõ tanta ordẽ & cõcerto, q̃ parecia ter o proprio original delas na memoria. E as q̃ a li lustrauã em mais admiraçã & grãdeza erã do emperador Clarimundo, q̃ segũdo fam marauilhofas fazẽ presumir ferẽ mais fauor descriptores, q̃ verdadeyra relaça da verdade. Porẽ pois das antigas coufas nã temos outra certeza, he necessario darmos-lhe tãta fe, quanta nos elles testificã. Quãto mais q̃ a esperiencia das nossas presentes autorizã todolas suas passadas. E quẽ nesta verdade duuidar ponha os olhos na grãdeza das obras del Rey voffo padre, & deffará a roda do pouco credito q̃ a todolas outras der. E já no tẽpo deste nã menos Christianissimo q̃ efforçado Principe, mostraua hũa figura do q̃ os de sua linhagẽ no seu faziã: porq̃ a elle escolheo Deos pera origẽ dos Reis de Portugal dõde voffa Alteza auia de descẽder. E porq̃ somẽte os Vngaros & Gregos de suas memorauais façanhas tinhã lẽbrãça, (polas em sua lingoagẽ terẽ escriptas), quis trespassar esta primeyra parte da sua Cronica em a nossa Portugueza.”

N’este “Prologo sobre a trasladaçam” ficticia, da fabulosa chronica, uma phrase chama a attenção: “...ponha os olhos na grãdeza das obras del Rey voffo padre, & deffará a roda do pouco credito q̃ a todolas outras der.” Esta phrase já não é a phantasia: é a preparação: preparação para narrar, não as glorias de um Clarimundo, mas as de Portugal no Oriente. Esse é hoje o grande interesse da *Cronica do Emperador Clarimundo*, que serviu de “debuxo” ao tão celebre escriptor. Como disse D. Carolina Michaëlis, pag. xxvii da obra já citada: “João de Barros, que em 1521, quando Miranda partiu para a Italia aparará a penna escrevendo o Clarimundo....” Mas é o proprio João de Barros, no prologo da *Asia*

our many pastimes was for him to recount the glories of the Emperors of Germany and Constantinople, which he did with such order and harmony, that it seemed as though he had actually been present at the events he described. And the actions which shone the brightest in wonder and greatness, were those of the Emperor Clarimundo, which were so marvellous as to make one think they must be the flattering inventions of prejudiced writers, rather than a veritable relation of the truth. However, as we can obtain no certain proof of the incidents described in ancient history, we must even believe what is told us, especially as our present experiences are such as to warrant belief in all that is recounted of the past. And if whoever doubts the truth of this history, will but look upon the great deeds of the King your father, his incredulity will immediately disappear. And already in the day of this not less Christian than valiant King, there was a foreshadowing of what those of his line would in their time accomplish; because God chose him to be the founder of the line whence the Kings of Portugal, including Your Highness, were to descend. And because only the Hungarians and the Greeks had any remembrance of his notable exploits (because the story of them was written in their language), I wanted to translate this first part of his Chronicle into our own Portuguese tongue.”

In this fictional “prologue on the translation” of the fabulous chronicle, there is one phrase which particularly attracts the attention: “let him look upon the great deeds of the King, your father, and his incredulity will immediately vanish”; for in these words Barros allows us to glimpse the real reason why he wrote *Clarimundo*—to prepare himself for the more serious task of narrating the glorious deeds of the Portuguese in the East. The fact that it served as a “preliminary sketch” for the *Decadas*, constitutes the chief interest of this Chronicle to-day; as D. Carolina Michaëlis writes, on page xxvii of the work already cited: “João de Barros...in 1521, when Sá de Miranda set out for Italy, was writing *Clarimundo* to trim his pen.” But João de Barros himself, in the

1552, de que já tratámos, que nos explica as razões que o levaram a escrever o *Clarimundo*:

“No cometer do qual trabalho (*As decadas da Asia*) vendo eu a magestade e grandeza da obra, nam fuy tam atreuido que logo como isto defejei puseffe mãos a ella: ante tomei por cautella deste cometimento, vfar do módo que tem os architectores. Os quães primeiro que ponham mão na obra a traçam e debuxam, e de sy apresentam estes deliniamientos de sua imaginaçam, ao fenhor de cujo há de fer o edificio. Porq̃ como esta matéria de que eu queria tractar era dos triũphos deste reyno, dos quães nam se podia falar sem licença do autor delles que naquelle tempo deste meu propósito era el rey vósso pádre de gloriófa memória: estando sua alteza em Euora o anno de quinhentos e vinte, lhe apresentey hũu debuxo feito em nome de vósfa alteza, porque com este titulo antelle fósse accepto. O qual debuxo nã era algũa Vatrachomimáchia, guerra de rãas e rãtos, como fez Homero por exercitar seu engenho ante q̃ escreueffe a guerra dos Gregos e Troianos: mas foy hũa pintura metaphórica de exercitos e vitórias humanas, nesta figura racional do emperador Clarimũdo titulo da trãça (conforme á jdade que eu entam tinha) afim de aparar o estitolo de minha possibilidade pera esta vósfa Afia.” A cronica do Clarimundo foi pois o “aparar do estitolo.”

Manuel Severim de Faria na sua *Vida de João de Barros* conta nos mais em detalhe estes episodios e a forma como escreveu Barros o seu *Clarimundo*; “O Principe D. João (a quem elle communicou seu intento) o favoreceo tanto, que elle mesmo lhe hia revendo, e emendando os quadernos que compunha; este favor lhe fez publicar logo o livro....” E’ possivel que a ida de Barros a Evora em 1520 mostrar a sua obra a ElRei D. Manuel tenha sido a origem da supposta edição de 1520: que houve outra antes d’esta de 1555, não pode haver duvidas, alem de outros argumentos, para quem conheça a Dedicatória, da *Ropicapnefma* de João de Barros, impressa por Germão Galharde em 1532, dirigida a Duarte de Resende (de quem já nos

preface to his *Asia*, 1552, explains the reasons which led him to write his *Clarimundo*:

“When I undertook the task (of writing the *Decadas da Asia*), I realized the majesty and grandeur of the subject, and was not so rash as to wish to start work on it at once; but, with the caution befitting in such an enterprise, I followed the example of the architects, who, before they set to work on a building, first design and sketch it, and present these rough indications of their ideas to the prospective owner of the edifice. Now the theme which I wished to develop was the triumphant progress of this kingdom, of which one might not speak without permission from the author of the triumphs, who, at the time when I purposed this, was the King, your father; so, His Highness being at Evora in the year 1520, I presented him with a sketch, made in the name of Your Highness, that under such sponsorship it might be acceptable to him. This sketch was no ‘Batrachomyomachy,’ no war of frogs and mice, such as Homer composed to exercise his talent before writing of the war of the Greeks and Trojans; but was a metaphorical painting of human armies and victories, dominated by the rational figure of the emperor Clarimundo, after whom I called the outline which (in accordance with my age at that time) I wrote to polish my style and prove my power to write the history of your Asia.”

Manuel Severim de Faria, in his *Life of João de Barros*, gives a more detailed account of the writing of *Clarimundo*: “Prince John (to whom he communicated his project) held him in such favour that he would himself review and emend Barros’ manuscript; and this favour caused him [Barros] to publish the book....” Possibly it was Barros’ going to Evora in 1520 to show his work to King Manuel, that led to the assumption that there was a 1520 edition of it. But the dedicatory epistle of the *Ropicapnefma* (printed by Galharde in 1532) leaves no doubt that there was an edition before this one of 1555; for Barros, addressing Duarte de Resende, writes: “do say

occupamos), pois Barros escreve: “dado que digaes quam bem vos pareceo o meu Clarimundo quando foi ter comvosco em Maluco.”

O facto é que este romance de cavallaria teve um grande successo e causou funda impressão, havendo seis edições d’esta obra: 1522, da qual não se conhece hoje um exemplar: 1555, egualmente rarissima e da qual tambem, com segurança, se não conhece nenhum exemplar, alem do que apresentamos: 1601, da qual possuímos um exemplar, e 1742, 1791 e 1843. Era esta Chronica lida em Portugal e no Oriente, nas Molucas, para onde Barros a mandava ao seu amigo Duarte de Resende: contudo nos seus *Dialogos* (1589) o Bispo de Portalegre Dom Frei Amador Arraiz, no Dialogo IV “Das condições do bom Principe” não recommenda ao “bom Principe” a leitura d’este romance de Cavallaria pois escreve:

“ElRey Dom João o terceiro de Portugal fabia tam bem as leis de seus reinos, e senhorios que muitas vezes emendaua os despachos dos seus Defembargadores, dizendo ás partes q̃ os taes despachos lhes não podião aproueitar, por não ferẽ conformes a suas ordenações. Outras vezes respondia aos q̃ lhe pedião, o que não era justo; que lhes não podia fazer a tal mercê, porque feria peruerter a ordem do direito....Este he o ocio, que conuem aos Principes, e não ler por Clarimundo....”

Sem duvida, mas o digno Bispo, não se recordava que D. João III corregia, pelo menos, os cadernos nos quaes Barros escrevia o seu *Clarimundo*!—

O interesse historico d’esta obra que acabamos de apresentar fica, julgamos, claramente exposto pelo que, a seu respeito, deixamos escripto: quanto ao seu valor bibliographico, é elle incalculavel, visto se não conhecer um outro exemplar, encontrando se este, absolutamente perfeito e n’um admiravel estado de conservação.

how well you liked my *Clarimundo* when I forwarded it to you in the Moluccas.”

The fact is, that this romance of chivalry enjoyed so great a success that it ran into six editions: 1522, of which no copy is known to-day; 1555, of which the present copy may be the only one known; 1601, of which we also possess a copy; and 1742, 1791 and 1843. It was read in Portugal and in the Orient, whither Barros sent a copy to his friend, Duarte de Resende; and yet we find that the Bishop of Portalegre, Dom Frei Amador Arraiz, in his *Dialogos* (1589), discussing “what is befitting to a good Prince” in the fourth dialogue, does not encourage the “good Prince” to read this romance. He writes:

“King John III of Portugal knew the laws of his country so well that he often corrected the verdicts of his chief judges, saying that certain parts of these could not avail them, as they were not in accordance with his statutes. At other times he would reply to those who made unlawful requests, that he could not allow them such and such a mercy, for it would be perverting the law.... This [i.e. the study of the law], and not the reading of *Clarimundo*, is a fitting recreation for Princes....”

No doubt—but the worthy Bishop forgot that King John III at least corrected the manuscript of *Clarimundo*, even if he did not collaborate in its composition!

It seems to us that, in the course of our notes, we have clearly shown the historical interest of this work. From a bibliographical point of view its value is incalculable, for no other copy of this edition is known, and the present one is absolutely perfect and in a wonderful state of preservation.



DUARTE DE RESENDE. MARCO TULIO CICEROM DE AMICICIA, ETC. 1531.

Marco tulio cicerom de Amicicia | paradoxas z fonho de Scipião. tira | do em lingo-  
agẽ portugueſa (sic) p Duar | te de Refẽde caualeyro fidalguo da | caſſa del rey noſſo  
ſenhor.

*Por cima, o braço dos Resendes.<sup>1</sup>*

[fl. 1 vo.] Carta fua a Garcia de Refende fidal | go da caſa del rey noſſo ſenhor |  
z eſcriuão de fua fã | zenda zc. A quẽ manda eſta obra enderẽçada. [...]

[fl. 2 vo.] Começa a vida de Marco tulio. [...]

[fl. 5] Lelio ou amicicia de marco tu | lio cicerõ enderençado a Ponpo | nio  
attico. Interlocutores. f. Lelio | fannio. Sceuolla. Começa em mo | do de argu-  
mento. [...]

[fl. 26 vo.] [...] Laus Deo.

[fl. 27] Aqui começa o fonho de Sci | pião per Marco tulio cicerõ | do ſexto libro  
da Repu | blica. Começa (sic) a fal | lar o menor | Scipião. [...]

[fl. 31 vo.] [...] Deo gratias.

[fl. 32] Paradoxas. | Palaura gregua que em noſſa linguaagem quer | dizer ſentenças  
marauilhoſas: de Marco tulio ci | cerõ q̃ manda z eſcreue a marco bruto clariffimo |  
baram Romano: [...] Proemio z argumento. [...]

[fl. 42] [...] Acabouſe de empremir a preſente obra de | Amicicia z fonho de  
Scipião z Paradoxas | em a muy nobre z ſemp̃ leal cidade de Coim | bra p Germã  
Galharde. Tirada em lingoa | jẽ p Duarte de refende caualeyro fidalgo da | caſa drey  
noſſo fõr aos .xxx. dias d Agoſto | do anno de noſſo fõr Ieſu xpo de .m. d. xxxj.

4º. — [42] folhas — 35 linhas — car. gót. de  
dois tamanhos, ſendo menores os das notas  
marginais — ſem titulos correntes, nem reclames.

Encadernado, por Rousselle, em marroquim  
azul; paſtas e lombada ornadas de doira-  
duras; aparo dourado.

4to. — [42] leaves—35 lines—Gothic letter,  
marginal notes printed in ſmaller type than the  
reſt of the text—no headlines, nor catchwords.

Bound by Rousselle, in blue morocco; gilt  
back and ſides; g.e.

<sup>1</sup> Above is the coat of arms of the Resendes.

Esta obra de Duarte de Resende é excessivamente rara: existe na bibliotheca Palha um exemplar descrito, no. 371 do seu catalogo, com a seguinte nota: "tâches, raccomodages." Não se conhece um só exemplar, segundo Anselmo e Proença, no. 595, nas Bibliothecas Publicas de Portugal: o Museu Britanico tambem não possui na sua riquissima collecção Portugueza, o livro de Duarte de Resende. O exemplar que apresentamos, absolutamente perfeito e n'um admiravel estado de conservação é aquelle mencionado por Innocencio (Diccionario, vol. 2, p. 214) e que pertenceu á livraria de Joaquim Pereira da Costa. E' uma preciosidade bibliographica e tem um interesse historico por causa do seu auctor.

Anselmo Braamcamp Freire (*Critica e Historia, Estudos*) occupou-se detalhadamente de Duarte de Resende n'um capitulo intitulado "Dois Duartes de Resende." N'esse estudo vemos mais um caso de homonimia, frequentes entre nós: trataremos de outro identico, á cerca de Pedro Nunes.—Tem se feito uma confusão entre Duarte de Resende, natural de Evora, parente do illustre Garcia de Resende, e que actualmente não nos interessa, e Duarte de Resende, natural da Beira, que foi feitor nas Molucas, amigo e parente do grande Chronista João de Barros, o nosso auctor. D'esse nos occuparemos unicamente. Anselmo Braamcamp mostra nos a genealogia de Duarte de Resende, pela qual vemos ser filho de Gonçalo de Resende cavalleiro da casa d'elRei e de Brites Faresoa, que hoje diriamos Frazão. Por um documento datado de 1 de Junho de 1515, sabemos que Duarte de Resende já era maior n'essa data, pois teve procuração de sua mãe para receber umas tenças abrogadas. Nasceu pois sem duvida, antes de 1491, e segundo B. Freire, quasi com certeza em Lamego. Partiu para o Oriente provavelmente na armada da qual era Capitão Mór Jorge de Brito em 1520. Sabe se que tendo fallecido Jorge de Brito, foi substituido por seu irmão Antonio de Brito, com quem Duarte de

This translation of *De Amicicia* by Duarte de Resende is an extremely rare work. The only other copy known is the one mentioned in the Palha Catalogue, No. 371, with the note "tâches, raccomôdages"; for there is none in the British Museum, or, according to Proença and Anselmo, in any of the Portuguese public libraries. The present copy, which is absolutely perfect and in a wonderful state of preservation, is the one mentioned by Innocencio (Diccionario, vol. 2, p. 214), and which belonged to Joaquim Pereira da Costa.

Now besides being such a bibliographical treasure, the book derives a special historical interest from its author. Anselmo Braamcamp Freire (*Critica e Historia—Estudos*) makes a detailed study of Duarte de Resende in a chapter headed "Dois (Two) Duartes de Resende." Here we see yet another instance of the homonymy which is so common in Portugal (we shall treat of a similar case when discussing Pedro Nunes). There were two contemporary Duarte de Resendes, and for a long time historians credited an obscure cousin of Garcia de Resende, living in Evora, with all the achievements of his more illustrious namesake, who was friend and kinsman to the great chronicler João de Barros. This latter Duarte de Resende is the one in whom we are interested. A. B. Freire proves that this Duarte was the son of Gonçalo de Resende and Brites Faresoa, or, as we should spell it nowadays, Frazão. From a document dated June 1st, 1515, in which his mother gave him a power of procuration to receive certain annuities, we learn that our author was already of age by this date. He must therefore have been born before 1491, and, according to A. B. Freire, almost certainly in Lamego. He probably left for the Orient in the armada which set out in 1520, under the command of Jorge de Brito. We know that, on his death, Jorge was succeeded in command by his brother Antonio de Brito, with whom Resende went to Ternate where he was appointed to an important position

Resende chegou a Ternate para desempenhar o seu cargo de escrivão da fazenda da feitoria das Molucas. Pouco tempo depois dasse o episodio interessante da chegada de Gonçalo Gomes de Espinosa na nau Trindade, que destroçada pedia soccorro: era a ultima n'essas paragens, da armada de Fernão de Magalhães. Antonio de Brito immediatamente enviou o auxilio aos Castelhanos. Esse auxilio ia custando caro aos pobres arribados e a vida deveram a Duarte de Resende: diz Barros, na Dec. III, Liv. v, cap. x (ed. 1563):

“...o capitam Gonçallo Gomez mandáua pedir misericordia polo estado em que ficáua: foy (Antonio de Brito) mandar hũa carauella com muytos mantimentos & anchoras pera a nao. E tras ella mãdou lógo Cachil Daroez gouernador de Ternate com algũas coracóras, que sam grandes nauios de remo: & ttas (sic) elle foy dom Garcia Anriquez em nauios pera trazerem a nao áquelle porto, & se nã perder de todo, como o mefmo Gonçallo de Espinosa lhe mandaua requerer. E porque Cachil Daroez per rezam dos seus nauios ferem de remo, chegou primeiro á nao que a carauella de dom Garcia, como hómẽ que se queria mostrar leal a nóssas coufas, & estar muy escandalizado del Rey Almançor receber em seu regno os Castelhanos: entrando em a nao quifera cõ sua gente de guerra que leuáua fazer logo fangue. E verdadeiramẽte se nam fora o feitor Duarte de Resende, ao qual Antonio de Brito com çertos Portugueses mãdou jr com elle: sem duuida Cachil Daroez ouuera de laurar do ferro. Finalmente, entráda a nao, quando Duarte de Resende viu a gente ouue grande piadade, porque os mais delles andáuam derreados que se nam podiam mouer se nam com ajuda, quafy paraliticos: & eram já mórtos trinta & sete hómẽs....”

O nosso Duarte de Resende mostrou n'esta conjectura, coragem e caridade.

Fallecendo de doença o feitor das Molucas ficou no seu officio Duarte de Resende, onde permaneceu alguns annos. Em Ternate deve ter

in the factory of the Moluccas. Soon after their arrival news was received that the ship *Trindade*, commanded by Gonçalo Gomes de Espinosa, was near by and in need of help, as she was badly damaged and short of men: it was the last vessel from Magalhães' armada to arrive in those latitudes. Antonio de Brito immediately despatched some men in boats to the relief of the Spaniards; but at first this relief seemed likely to cost the sufferers dearly, and they owed their lives to Duarte de Resende. Barros describes the incident in the third *Decada*, Book v, chap. x (1563 ed.):

“Captain Gonçallo Gomez sent to ask for help in his miserable plight. So Antonio de Brito sent a caravel with many provisions, and some anchors for the ship, and after it he despatched the governor of Ternate Cachil Daroez with some ‘coracóras,’ which are large rowing boats; and after Daroez, went Dom Garcia Henriquez with ships to draw the damaged vessel into port, as Gonçallo de Espinosa had himself demanded, so that all should not be lost. Now Cachil Daroez in his rowing boats reached the ship before Dom Garcia's caravel; and, as a man who wished to show himself loyal to our cause, and being thoroughly scandalized that King Almançor should have welcomed the Spaniards to his kingdom, Daroez boarded the ship with the warriors he had brought with him, and made ready to fight. And verily, if it had not been for the Factor Duarte de Resende, who, with a few Portuguese, had been commanded by Antonio de Brito to accompany the natives, Cachil Daroez would certainly have shed blood. When Duarte de Resende finally got on board the ship and saw the crew, he was filled with pity for them, for most of them were so lame that they could not move without help, being almost paralysed: and thirty-seven men had already died....”

Our Duarte de Resende showed both his courage and his compassion in this episode.

When the Factor of the Molucas died, Resende succeeded to his office, and carried on his duties for some years. While in Ternate he must have

recebido (como veremos ao tratar d'esse livro) o Clarimundo do seu amigo João de Barros: igualmente em Ternate, deve ter escripto parte pelo menos da sua traducção *De Amicicia*. Em 1527 entregou a feitoria das Molucas a Balthazar Rapozo, que como feitor acompanhára o Capitão D. Jorge de Menezes: sabemos que só regressou a Portugal em 1530 ou 1531. N'esse anno o encontramos em Coimbra seguindo a impressão do seu livro entregue a Germão Galharde. Pouco depois, em 1532, era igualmente impressa em Lisboa por Galhardo a *Ropicapnefma* de João de Barros, dedicada ao seu amigo e parente, "de fangue," Duarte de Resende como diz Barros na sua IV decada. Da vida do nosso auctor nada mais sabemos após o seu regresso a Portugal, ignorando-se a data da sua morte, que teve logar antes de 1563 anno em que foi publicada a terceira *Decada* de João de Barros, na qual se refere a Resende por forma que mostra já ter fallecido o seu amigo, pois diz "...elle em sua vida daria...."

Na "carta" dirigida a Garcia de Resende que pelo tom, não indica parentesco nem intimidade com o Chronista de D. João II, explica os motivos porque empreheendeu a traducção de Cicero:

"Porque aos may dos homees acôtece nã ter conhecimêto das coufas fe nam despoys q̃ com grande dãno ou proueyto feu: fentê em fy o mal ou bem q̃ dellas lhe vem: o q̃ na verdade nam deuia affy fer: porq̃ ninguem deuia vfãr da coufa sem primeyro de sua força 2 natureza ter conhecimento: 2 porq̃ geralmente da amizade todos vfão 2 muytos com grande dãno feu: fendo coufa em q̃ se requiere prudente conhecimento sobre virtuosã tenção. Por tâto eu por me parecer proueytofo a noſſa nação purtugueſſa (sic): onde vejo em muytos esta amizade andar errada 2 fimulada."

received (as we shall see when treating of this book) a copy of *The Chronicle of Clarimundo* from his friend João de Barros, and must have written most of his translation of *De Amicicia*. In 1527 he handed over the Factorship of the Moluccas to Balthazar Rapozo, who as factor had accompanied Captain Jorge de Menezes; but we know that Resende did not return to Portugal until 1530 or 1531. In this latter year we find him at Coimbra superintending the printing of his book by Germão Galharde. Shortly afterwards, in 1532, the same printer published in Lisbon a book called *Ropicapnefma* by João de Barros, dedicated to his kinsman Duarte de Resende. We know nothing more about our author's life after his return to Portugal,—even the date of his death is not definitely established, though it must have been before 1563, the year when João de Barros published his third *Decada*, in which he speaks of his friend as already dead: "he, *when he was alive*, may have given the treatise to someone."

The general tone of Duarte de Resende's dedicatory letter indicates neither relationship nor even great friendship with the chronicler Garcia de Resende to whom it is addressed; but it explains why Duarte undertook this translation of Cicero:

"Because it happens to most men that they have no knowledge of things until, with either great personal harm or profit, they have experienced for themselves the evil or the good which is derived from them. Now this really should not be so, for no one ought to make use of a thing without first having some understanding of its force and its nature. Friendship, for instance, is generally used by all, and by many with great personal harm, for it is a thing in which virtuous intentions must be accompanied by prudent knowledge. And because I thought it might profit our Portuguese nation, where I see this mistaken or hypocritical friendship among many, I wanted to fill up my hours of idleness by translating this little treatise on friendship, from the Latin."

Este ultimo paragrapho é notavel: representa uma idea, em geral, ou terá uma significação especial a respeito dos tempos passados no oriente? Referencia a Fernão de Magalhães e a Faleiro? A invejas, rivalidades, ambições? E' possivel: em todo o caso, tem um valôr especial, as palavras escriptas em 1531, "a noffa nação portugueza onde vejo em muytos esta amizade andar errada e simulada."—Proseguindo na sua dedicatoria escreve Duarte de Resende: "Quiz empregar minha ociosidade em tirar de latim em nosso lingoajẽ este pequeno tratado.... A primeyra (cousa) he tirar-me de ociosidade...." Esta ociosidade sobre a qual insiste, refere-se seguramente às longas horas vagas passadas em Ternate: a nosso vêr esta, com a que atraz indicamos, foram provavelmente as razões que levaram Duarte de Resende a traduzir em linguagem o tratado *de Amicicia*; diz nos ainda na carta dedicatoria:

"...quis foomente q̃ viessem por mĩ a luz estes de amicicia: paradoxas: 2 sonho de Cipião (sic) por saber que atee aguora nã forã em lingoagẽ algũa trafladados: o q̃ nam fiz em os ã officis 2 fenectute. porq̃ estando pera os mãdar cõ estes impremir: os vi impresos tirados em lingoagem castelhana: 2 posto que minha trafladação pa os nossos podera ser proueytosa, cõ tudo me temi de parecer supflua. 2 [o q̃ pior fora] tomada da outra."

E' pois o proprio Resende que nos diz ter sido esta a primeira traducção do trabado *de Amicicia*, o que hoje augmenta o valôr da preciosidade bibliographica que apresentamos.—Existem poesias, mais antigas, de Duarte de Resende, que se encontram do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, a maior parte em Castelhana.—Depois da sua traducção do tratado *de Amicicia* ter sido impressa em Coimbra nos prelos de Germão Galharde em 1531, escreveu outra obra, que infelizmente nunca foi impressa e da qual não ha hoje noticia. Segundo nos conta Manoel Severim de Faria, na sua *Vida de João de Barros*, encontrava-se o auctor da *Asia*, em Pombal na sua

The words "our Portuguese nation, where I see this mistaken or hypocritical friendship among many," are notable. Do they express simply a general idea, or have they a special reference to past times in the East? Perhaps they refer to Magalhães and Faleiro, to past jealousies, rivalries and ambitions. It is possible: in any case such words written in 1531 have a special value. Further on in the dedication Resende repeats that he made this translation to "prevent me from being lazy," referring most probably to his long leisure hours in Ternate where, as we said above, he must have written most of his translation. Again in the same dedicatory letter he says:

"I just wanted *De Amicicia*, *Paradoxas*, and the *Dream of Scipion* to come to light through me, for I knew that, until now, they had never been translated into any language, which was not the case with *De Officiis* and *De Senectute*, because, when I was preparing to send them to be published with these, I came upon a printed Spanish translation of them; and although my translation might have been profitable to our own people, yet I feared that it might have been considered superfluous, or (which would have been worse) to have been taken from the other."

So Resende himself tells us that this is the first translation ever made of *De Amicicia*, which fact adds to the already considerable value of this bibliographical rarity.

Some early poems by Duarte de Resende are to be found in Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral*, but most of them are written in Spanish. After the publication of his *De Amicicia* he wrote another work, which, unfortunately, was never published, and the manuscript of which is lost. Manuel Severim de Faria in his *Vida de João de Barros* tells us how the author of the *Decadas*,

quinta da Ribeira de Alitem para onde viera em 1530, fugindo a peste de Lisboa:

"Alli lhe mandou pedir Duarte de Refende, parente seu, alguma obra sua, pelo bem que lhe parecêra o seu *Clarimundo* quando o vira em Ternate, donde havia pouco que tinha vindo de feitor. João de Barros por o comprazer acabou de compôr hum Dialogo moral, que antes tinha começado, ao qual destes dous nomes Gregos *Rhopica*, e *Pneumaticos*, fez per opposição hum composto de *Rhopica Pneuma*, a que em nossa lingua podemos chamar Mercadoria espirital.... Esta obra imprimio depois em Lisboa em Maio de 1532 dedicada ao mesmo Duarte de Refende, o qual por pagar o seu parente João de Barros este obsequio, lhe dirigio tambem depois hum tratado que compoz da navegação que Fernão de Magalhães, e seus companheiros fizeram as Ilhas de Maluco, como quem tivera na mão todos os papeis, e roteiros daquella jornada, por então estar servindo de feitor da nossa fortaleza de Ternate."

Vimos atraz o papel desempenhado por Duarte de Resende, quando chegou ás Molucas a nau de Espinosa, factos narrados por Barros na *Decada* III, Liv. v, cap. x e a que Damião de Gões se refere tambem na *Chronica delRei D. Manuel* (ed. 1566), parte IV, cap. xxxvii.—Na mesma *Decada* Liv. v, cap. x (1563) escreve ainda Barros, á cerca de papeis encontrados na nau de Espinosa:

"...& assi ouue outros papees & liuros que Duarte de Refende feitor de Maluco recolheu do Astrológo Andres de Sam Martim. Porque como era latino & hómem estúdioso das cousas do mar & Geographia, entendeu logo nellas: & vindo a este Regno ouuemos delle algũs: principalmente hum liuro que elle Andres de Sam Martim escreueo de sua mão, em o qual estaa o descursu do caminho que fez & de todas suas alturas, obseruações, & conjunções que tomou."

Andres de Sam Mártim era, como diz Barros "homẽ doucto na sciencia de astronomia"; acompanhou Fernão de Magalhães na sua famosa viagem e com elle foi morto na "ilha

fleeing from the plague at Lisbon in 1530, went and settled at this estate near Pombal:

"And his kinsman, Duarte de Resende, sent thither to ask for some book of his, as he had so much enjoyed the *Clarimundo* when he read it in Ternate, whence he had but lately returned, having been Factor there. João de Barros to please him finished writing a moral dialogue, which he had already begun, and for which, from the two Greek words *Rhopica* and *Pneumaticos*, he evolved the composite title of *Rhopica Pneuma*, which we should call in our tongue, 'Spiritual Merchandise.'...This work was afterwards printed at Lisbon, in May, 1532, and dedicated to the same Duarte de Resende, who, to repay his kinsman's kindness, later dedicated to him a treatise on the voyage of Fernão de Magalhães and his companions to the Moluccas, which he wrote as one having to hand all the papers and log-books relating to the journey, because at that time he was acting as Factor of our fortress in Ternate."

We have already quoted Barros' account of the part played by Duarte de Resende when Espinosa's ship reached Ternate; Damião de Gões also refers to the event in the *Chronica d'elRei D. Manuel*, 1566, part IV, chap. xxxvii. In the same third *Decada*, Book v, chap. x, Barros writes about the papers found in the "Trindade":

"...and there were also other papers and books which Duarte de Resende, Factor of the Moluccas, received from the Astrologer Andres de Sam Martim; because being a Latin, and learned in matters relating to the sea, and in Geography, he understood them: and especially a book, which Andres de Sam Martim had written in his own hand, and in which the course he shaped on the voyage is described, together with all the altitudes, observations and counter-observations he took."

Andres de Sam Martim was, as Barros says, "a man learned in the science of astronomy," and accompanied Fernão de Magalhães on his famous voyage, and died with him in the "island called

chamada Subo.” Foi pois seguramente baseado nos papéis de Sam Martim, que Duarte de Resende escreveu o seu tratado, ao qual Barros se refere dizendo:

“...Fica aqui dizer hũa coufa por hõrra de Duarte de Resende...: elle me deregio hum tractado fobre esta nauegaçam de Castella....”

E’ profundamente lamentavel que pertença ao numero dos desaparecidos o “*tratado da navegação de Fernão de Magalhães*” composto por Duarte de Resende: seria sem duvida mais um valiosissimo documento a juntar á collecção das provas dos descobrimentos portuguezes e da sua sciencia, que como vimos em outros estudos d’esta obra, sempre caminharam juntos.

Julgamos que estas notas mostram a valór historico, bibliographico e litterario do livro de Duarte de Resende que apresentamos, assim como o interesse que desperta o seu auctor.

Subo (Cebu).” And Duarte de Resende’s treatise was based on the sure testimony found in Sam Martim’s papers. This treatise is mentioned by Barros, who says:

“There now remains a word to be said for the honour of Duarte de Resende, which I want to defend, both because he was my kinsman, and because he was a good scholar: he dedicated a treatise on the Castilian navigations to me...”

and goes on to explain that certain false statements, which had been made concerning these same navigations, did not originate in his friend’s work, where everything was correctly and carefully written. It is a grievous pity that the *Tratado da Navegação de Fernão de Magalhães*, by Duarte de Resende, must be counted among the vanished works, for it would surely have been a most valuable document to add to the evidence about the Portuguese discoveries, and the scientific knowledge which ever went step by step with them.

We consider that these notes show plainly the historical, bibliographical and literary value of this translation of *De Amicicia* as well as the interest aroused by its author.

**A**cabouse de emprenir a presente obra de Amicicia e sonho de Scipião e Paradoras em a muy nobre e semp leal cidade de Coimbra p Gerinã Galharde. Tirada em lingoa jê p Duarte de Resende caualeyro fidalgo da casa d lrey nosso sôr aos. xxx. dias d Agosto do anno de nosso sôr Jhesu xpô de. m. d. xxxj.





## **A**qui se começa o regi-

mento e maneira de q̃os contadores das  
obras terças e residos ham de pro-  
uer nas capelas e espiçaaes.

## **E** titulo primeiro em que casos sospederam os aminiistradores.



Primeiramente quando os  
cõtadores das obras ter-  
ças: e residos de nossos re-  
gnos: e senhozios correrẽ  
as comarcas q̃a cada huũ  
per nos sam encarregua-  
das tãto q̃ em cada huũ lu-  
gar dellas chegarem se en-  
formarã: e saberam de to-  
das as capellas que no tal  
lugar: e seu termo ouuer:

que sam e deuem ser aminiistradas per administradores  
leygos. E aquellas que acharem q̃ tem aminiistradores  
os faram h̃ir per antesy e lhes mandaram que logo lhes  
mostrem os testamentos/ instituiçõs e ordenanças de  
suas capellas. E bem assi lhes mostrem os tombos: em  
que am de estar assentados e declarados todos os beẽs  
e heranças: de cada hũa capella. E despois de visto to-  
do per os ditos contadores elles com toda diligencia e  
per qual quer modo e maneira que poderem se informa-  
ram bem no certo: se esses aminiistradores cumprem as  
couças quelhes per as ditas instituiçõs he mandado:  
e bem assi se as capellas sam em posse de todas as heran-  
ças: e beẽs quelhes direitamẽte pertence. E yssõ mesmo

b



# LIVRO DAS

obras de García de Reesende, que tracta da vida & grandiffi-  
mas virtudes & bõdades: magnanimo efforço, excelentes  
costumes & manhas & muy craros feitos do christiani-  
ssimo: muito alto & muito poderoso principe el rey  
dom Ioam ho segundo deste nome: & dos Reys  
de Portugal ho trezeno de gloriosa memoria:  
começado de seu nacimêto & toda sua vida  
ate ha ora de sua morte: cõ outras obras  
q̃ adiante se seguẽ. Vay mais acrescẽ-  
tado nouamente a este liuro hũa  
Miscellanea ẽ trouas do mes-  
mo auctor & hũa varieda  
de de historias, custu-  
mes, casos, & coufas  
que em seu tẽpo  
accõtescerã.

1554

# Começa a primeyra parte da cro

nica do emperador Clarimúdo dō le os *Reys* de Portugal descendem, tirada de lingoagem vngara em a nossa portuguesa. Dirigida ao esclarecido príncipe dō loão filho do muy poderoso rey dom Manuel primeyro deste nome, per loão de Barros seu criado.

## ¶ Capitulo primeyro.



N tempo que ho grãde Adriano em Ungria reynava era tam temido e amado ho seu bõ regimêto e esforço: que nas casas dos reys e principes que d'elle tinham conhecimento nunca se praticava em al senam com quanto amor aos amigos e rigor aos inimigos tratava, nã perdendo ao mal e favorecendo sempre o bem. E por esta virtude que cõ outras muytas tinha empremio tanto amor nos corações de seus naturaes e assi estrangeiros, que mais a vida d'elle que as suas proprias estimavam. E como a Claudio rey de França todas estas cousas fossem manifestas: confirmando ho proveito que do tal casamento podia alcançar mãoulhe seus embaixadores, dizendo que a clara fama de suas virtuosas e esforçadas obras era tam geral a todos que nam a elle q̃ tinha muita rezã pera ho desejar mas a todos os reys comouia a querer sua amizade e liança. Assi que por esta causa como por descender do real tronco dos reys Dúgria elle desejava de ho ajuntar per matrimonio com Briayna sua legitima filha selhe a elle aprouese. E q̃ oulhasse quanto proveito daqui succedia: porque

sendo ambos liados per tam sancto ajuntamento eile tinha por fee que deos seria sempre em sua ajuda, assino acrecentamento de sua honrra e reynos como na destruição de seus inimigos. E mais questa liança seria causa dese destruirem os odeos que os reys de França com elles tiueram, e por se de todo gastarem algũas reliquias se ainda no pouo que dauam, lhe pedia que folgasse de ho aceitar por pay e verdadeyro amigo, e que as outras couas que ganhava consirasse bẽ nellas e veria quanto alcançava em ho fazer. Quando Adriano esta embaixada como ja antes disso estava aprecebido sabendo ao que os embaixadores vinham, respondeo com hũa gravidade dina de tal pessoa, que nunca couisa tanto desejara como ser ajuntado per tam santo ajuntamento com os Franceses, e que nã podera isto tam fauoravelmente desejar como lhe a elle succedia pois alcançava por verdadeyro pay a hũa tal pessoa como era el rey. E alem deste contentamento se acrescentava outro q̃ era auei por mo lher a princesa Briayna tanto em virtude quanto em fermosura perfeita (segundo a fama craramente manifestava.) E por ambos destas cousas ordenara fazer ainda que cada hũa e si era muito quanto mays tantas e que ho tão contentavam. Dada esta revolta ao

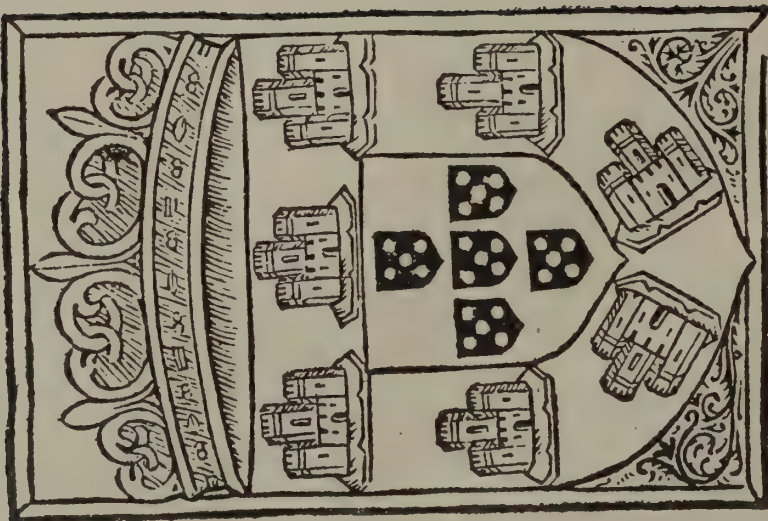
B



**C**Alcabase ho primeyro liuro intitulado de vida de xpo em lingoagem portugues. iAom a  
 quelle que se chama da mininige do saluador ho qual he apocriſſo. xv. di. Mas este que com  
 pos ho venerable meestre ludolfo prior do moesteyro muy honrrado de argentina. da ordem  
 muy excellente da cartuxa. e foy tyrado segudo a ordem da hystoria euangelical. O qual mã  
 dou tressladar de latym em lingoagem portugues amuyto alta princeſſa infante dona ysabel  
 duqueſſa de coymbre. e ſenhora de monte moor. Alo muy pobra de virtudes dom abade do  
 moesteyro de ſam paullo. E foy corregido e reuiſto com muyta dilligencia por os reuerendos  
 padres da ordem de ſam franciſco de emxobregas de obſeruacia chamados menores. E foy  
 empiſſo em amuy nobre e ſempre leal cidade de Lirboa. a principal dos regnos de portugal.  
 Per hos hõrrados meestres e parceyros iNicolao de ſaxonia. e Valetyno de moravia. por  
 mandado do muy ylluſtriſſimo ſenhor el iRey dom Joham ho segudo. E da muy eſclareſci  
 da iRaynha dona Lyano: ſua molher. Alouuo: e gloria de noſſo ſenhor ihesu xpo noſſo ds  
 e redemptor e da ſua intemerada e ſempre virgem madre glorioſa ſancta maria. em cujo no  
 me e louuo: ho dicto liuro foy e he cõpoſto. cujo louuo: e gloria regne em ſeus fices xpaõs  
 pera ſempre amen. Em no anno do naſcimento do dicto ſaluador de Mill e quatrocentos e  
 nouenta e cinco. Al. xiiij. do mes de agosto.







ist Eximium

quod







**J**uro primeiro das ordenações cō sua tauoada q̃ assigna os titulos: 7 folhas: 7 tractase nelle dos officios de nossa corte: 7 da casa da sopllicaçã: 7 do ciuel: 7 daquelles q̃ per nos teē carrego de ministrar dereito: 7 justiça. Mouamēte corrigi do na segūda ēpressam. Ider especial mādado do muy alto: 7 muy poderoso senhor: Rey dō Adanuel nosso senhor: foy empremido.

**C**om preuilegio de sua Alteza.

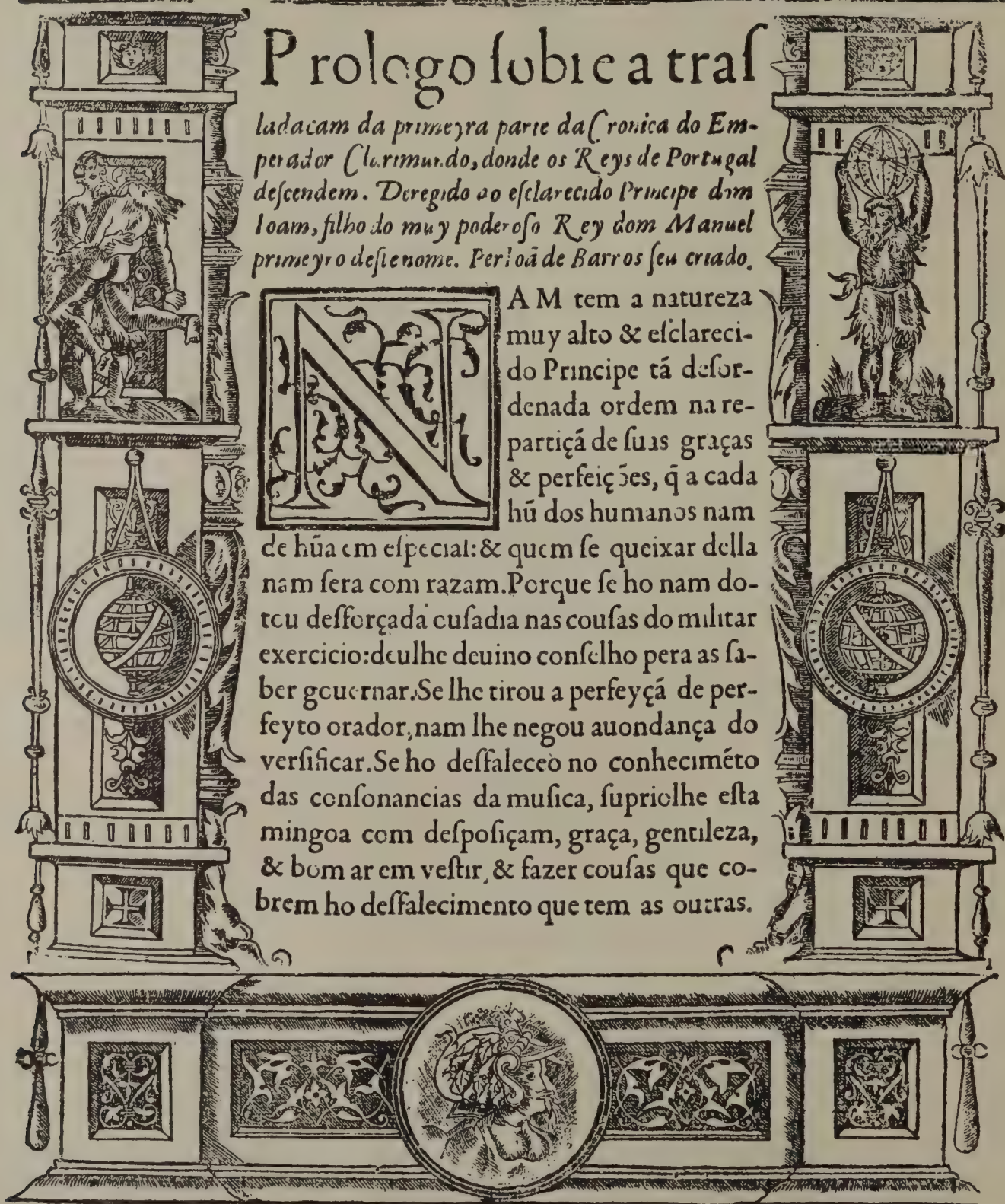


# Prologo sobre a tras

ladacam da primeyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo, donde os Reis de Portugal descendem. Deregado ao esclarecido Principe d'm loam, filho do muy poderoso Rey dom Manuel primeyro desle nome. Perioã de Barros seu criado.



AM tem a natureza muy alto & esclarecido Principe tã desordenada ordem na repartiçã de suas graças & perfeiçõs, q a cada hũ dos humanos nam de hũa em especial: & quem se queixar della nam fera com razam. Porque se ho nam doctu desforçada cusadia nas cousas do militar exercicio: deulhe deuino conselho pera as saber guernar. Se lhe tirou a perfeiçã de perfeyto orador, nam lhe negou auondança do versificar. Se ho dessaleceò no conhecimeto das consonancias da musica, supriolhe esta mingoa com desposiçam, graça, gentileza, & bom ar em vestir, & fazer cousas que cobrem ho dessalecimento que tem as outras.





PRINTED BY

WALTER



LEWIS, M.A.

AT THE  
UNIVERSITY PRESS  
CAMBRIDGE

1928







CATALOGO DA COLLECÇÃO  
DE LIVROS ANTIGOS  
PORTUGUEZES

1489-1600

QUE SE ENCONTRAM NA BIBLIOTHECA  
DE SUA MAJESTADE FIDELISSIMA

COM UMA DESCRIÇÃO COMPLETA DE CADA  
OBRA E NOTAS HISTORICAS, LITTERARIAS,  
BIBLIOGRAPHICAS & BIOGRAPHICAS

POR

S.M. EL-REI D. MANUEL

LONDON · MAGGS BROS

1928